

USO DE FITOTERÁPICOS POR MULHERES DO MUNICÍPIO DE TAUÁ, CEARÁ, BRASIL

*Naiana Cristina Rodrigues dos Santos¹; Luiz Francisco Wemmenson Gonçalves Moura¹;
Marcos Monteiro Lô¹; Daniele Rodrigues de Lima¹; Maria da Conceição Lobo Lima¹;
Francisco Ernani Alves Magalhães¹*

RESUMO

Fitoterápico é o resultado da industrialização da planta medicinal para se obter um medicamento. Assim, a diferença entre planta medicinal e fitoterápica reside na elaboração da planta para uma formulação específica. Baseando-se no exposto, este trabalho reporta o uso de fitoterápicos por mulheres do Município de Tauá, Ceará, Brasil. O estudo foi realizado com entrevista de 50 mulheres entre 18 e 83 anos na cidade de Tauá-Ce, que utilizam ou já utilizaram plantas medicinais como fitoterápicos. Para coleta de dados foi aplicado um questionário semiestruturado como roteiro complementado por entrevistas livres e conversas informais em que se buscou obter o máximo de informações sobre o uso das plantas medicinais e seus benefícios. Como resultado desta pesquisa, 84% da população investigada utilizam plantas medicinais e apenas 16% não fazem uso das mesmas. Os resultados revelaram que o fitoterápico mais utilizado era a hortelã (*Mentha piperita*), de forma isolada ou combinada com outras plantas medicinais. A utilização deste foi feita, principalmente, por mulheres que tem o primeiro grau incompleto, para o tratamento de gripes ou resfriados, utilizando através de chás, xaropes ou lambedores. Os fitoterápicos são adquiridos através de plantações em suas próprias casas, comércio ou parentes.

Palavras-chave: Plantas medicinais, Hortelã (*Mentha piperita*), Fitoterápicos

USE OF HERBAL MEDICINES BY WOMEN IN TAUÁ TOWN, CEARÁ, BRAZIL

ABSTRACT

Herbal is the result of the industrialization of medicinal plant to obtain a drug. Thus, the difference between medicinal plant and phytotherapeutic resides in the elaboration of plant to a specific formulation. Based on the foregoing, this study aimed reports the use of herbal medicines by women in the Tauá Town, Ceará, Brazil. Was conducted by interview with 50 women between 18 and 83 years in the city of Tauá-Ce, using or have used medicinal plants as a herbal. For data collection a questionnaire was administered as a semi-structured script complemented by free interviews and informal conversations in which they sought to obtain as much information about the use of medicinal plants and their benefits. As a result of this research, 84% of the population investigated uses medicinal plants and only 16% do not use them. The results revealed that the phytotherapeutic most used was the mint (*Mentha piperita*), so isolated or combined with other medicinal plants. Use of this was taken by women who have the first degree incomplete, for the treatment of colds or colds, using through teas,

¹ Laboratório de Bioprospecção de Produtos Naturais e Biotecnologia-LBPNB, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns-CECITEC, CEP 63660-000, Rua Solon Medeiros, S/N, BR 020. Bairro Bezerra e Sousa, Tauá, Ceará, Brasil. Tel./Fax: +55-88-34371772; fernanimagalhaes@yahoo.com.br, ernani.magalhaes@uece.br;

syrops or lickers. The herbal drugs are purchased through plantations in their own homes, businesses or relatives.

Keywords: mint, herbal medicines, ethnopharmacological studies.

1. INTRODUÇÃO

A utilização de plantas é tão antiga quanto a história da humanidade. Desde épocas imemoriais os seres humanos utilizam-se dos recursos naturais para a sua sobrevivência. Construíam suas casas em harmonia com o clima da região habitada, usando folhas e troncos de árvores, as quais também lhes forneciam seu meio de transporte. Na alimentação, já faziam uso dos vegetais, inclusive os considerados medicinais (PINTO, 2008).

Segundo Monteiro (2008), a Organização Mundial de Saúde divulgou que 80% da população mundial utilizam plantas medicinais. Porém muitas plantas são terapêuticas numa dose e tóxicas em outras.

Através da utilização de remédios naturais destinados a aumentar as capacidades curativas que o organismo possui, ou seja, a pessoa é tratada dentro da sua globalidade. Desta forma, entende-se que a doença é um desequilíbrio interno e os homeopatas tentam resolver os problemas subjacentes sem atacar unicamente os sintomas, utilizando remédios específicos, diluídos e que, quando absorvidos de uma forma não diluída, produzirão numa pessoa são sintomas de uma determinada doença. Para os médicos homeopatas, quanto mais os efeitos de uma substância se aproximam dos sintomas do paciente, mais suas virtudes terapêuticas são importantes na cura deste paciente. Por outro lado, quanto mais uma substância é diluída, maior será sua eficácia, então, os remédios são preparados segundo regras estritas de diluição visando reforçar o seu poder (ORQUIZA, 2008).

Por fármaco entende-se toda e qualquer substância com uma composição química definida que, por qualquer mecanismo, é capaz de modificar a atividade de células, de órgãos ou de sistemas do organismo humano ou animal. Excluem-se assim desta definição misturas indeterminadas como sucede com extratos vegetais, embora possam exercer efeitos diversos, e por vezes benéficos, no organismo. No entanto estas misturas não são susceptíveis e um estudo rigoroso permite tirar conclusões seguras quanto aos seus possíveis benefícios (RICO, 2011).

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2008), as plantas medicinais são plantas capazes de tratar ou curar doenças. Estas plantas têm tradição, pois são usadas como remédio em uma população ou comunidade. Para que sejam usadas, é necessário conhecer a planta e saber onde colher e como prepará-la. Já o Fitoterápico é o resultado da industrialização da planta medicinal para se obter um medicamento. Assim, a diferença entre planta medicinal e fitoterápica reside na elaboração da planta para uma formulação específica.

O Brasil está contemplado com uma das mais ricas e variadas floras do mundo, tanto em número de espécies como em indivíduos, destacando uma imensa coleção de plantas com valores medicinais. No entanto, pouco se conhece sobre as ações terapêuticas existentes nestas plantas, sendo imprescindíveis estudos de classificação, pois pode ser encontrada nas

plantas a cura para diversas doenças que atingem a humanidade (FUNARI; FERRO, 2005).

A prospecção de plantas medicinais utilizadas como recurso terapêutico pela população, quando realizada no âmbito das Ciências Farmacêuticas, combinando elementos da Assistência Farmacêutica com elementos da cultura popular e o conhecimento associado aos recursos naturais caracteriza-se como levantamento etnofarmacêutico. O foco desse levantamento inclui a preparação do remédio e a relação do usuário com ele; busca-se ainda identificar problemas relacionados à utilização das plantas e orientar para o uso seguro e eficaz desses recursos terapêuticos (PINTO, 2008).

No Brasil, a utilização das plantas não só como alimento, mas também como fonte terapêutica teve início desde que os primeiros habitantes chegaram ao Brasil, há cerca de 10 mil anos, dando origem aos paleonídeos amazônicos, dos quais derivaram as principais tribos indígenas do país. Pouco, no entanto, se conhece sobre esse período, além das pinturas rupestres (SILVA et al., 2004).

Tomazzoni et al. (2006) consideram a Fitoterapia um fator de suma importância para a manutenção das condições da saúde das pessoas, pois é uma parte importante da cultura de um povo, sendo o conhecimento utilizado e difundido pelas populações por várias gerações.

Baseando-se no exposto, este trabalho teve como objetivo verificar os principais fitoterápicos utilizados pelas mulheres do Município de Tauá-Ce.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada baseando-se em metodologias propostas por Sousa et al. (2011). Este trabalho foi realizado com entrevista de 50 mulheres entre 18 e 83 anos na cidade de Tauá-Ce, que utilizam ou já utilizaram plantas medicinais como fitoterápicos.

Para coleta de dados foi aplicado um questionário semiestruturado como roteiro, complementado por entrevistas livres e conversas informais em que se buscou obter o máximo de informações sobre o uso de plantas medicinais e seus benefícios. O questionário continha questões sobre o grau de escolaridade, conhecimentos das espécies utilizadas, tempo de uso, quais os sintomas que levaram as mesmas a usá-lo, frequência e dosagem, mudanças ocorridas no organismo e possíveis efeitos colaterais. Após o levantamento dos dados os resultados foram expressos em tabelas e gráficos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversas pesquisas vêm sendo desenvolvidas enfocando o uso de fitoterápicos empregados pela população Brasileira (PEREIRA et al., 2004; VEIGA JÚNIOR et al., 2005; PEREIRA et al., 2007; SALES et al., 2009; SOUZA et al., 2011). Neste trabalho, foi adotado também o método de coleta de dados, através de questionário semiestruturado, para verificar o uso de fitoterápicos utilizados pelas mulheres do Município de Tauá, Ceará, Brasil. Como resultado desse trabalho foi citado um total de 12 plantas medicinais utilizadas como fitoterápicos, com prevalências de usos variando de 6 a 32% (Tabela 1).

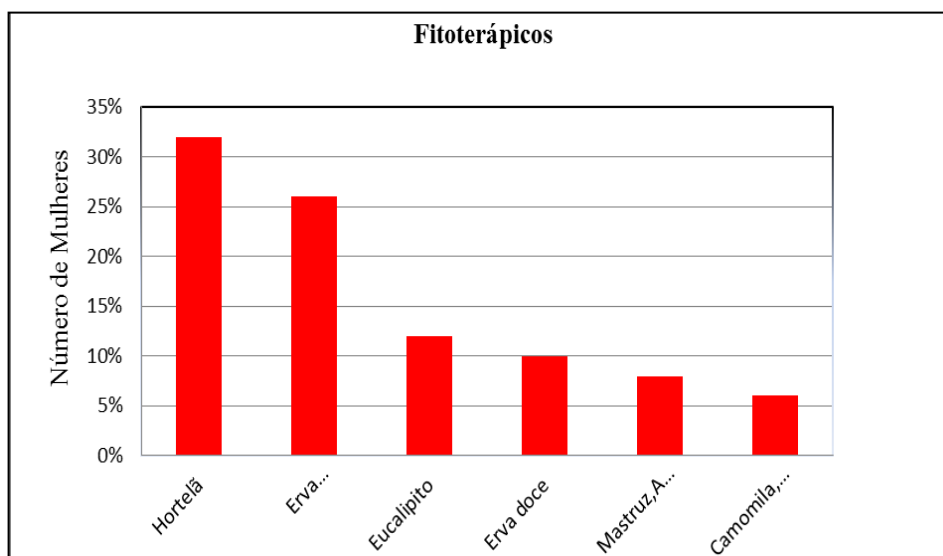
Tabela 01. Prevalência de uso (%) dos principais fitoterápicos utilizados pelas mulheres do Município de Tauá-Ce.

Nome Popular	Nome Científico	Uso (%)
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	32
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	26
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	26
Malva	<i>Malva sylvestris</i>	26
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	12
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	10
Mastruz	<i>Coronopus didymus</i>	8
Ameixa	<i>Prunus domestica</i>	8
Boldo	<i>Coleus barbatus</i>	8
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	6
Romã	<i>Punica granatum</i>	6
Nim	<i>Azadirachta indica</i>	6

Fonte: dados da pesquisa

No primeiro item da pesquisa, realizada com 50 mulheres do Município de Tauá-Ce, foi perguntado qual (is) fitoterápico(s) era(m) utilizado(s) por elas. Pode-se verificar que a maioria das mulheres utiliza a hortelã (*Mentha piperita*) de forma isolada ou combinada, com prevalência de uso de 32% (Figura 01).

Figura 01. Principais fitoterápicos consumidos por mulheres do Município de Tauá-CE.



Fonte: dados da pesquisa

A hortelã é, sem dúvida, uma das plantas medicinais mais conhecidas e mais usadas em todo mundo e desde os tempos mais antigos. Não é, porém, uma hortelã, mas muitas, todas semelhantes nas características e também nas propriedades. São de fato tantas que, se diz que, se um botânico afirma que reconhece e distingue todas elas, não é de confiança. Já no século XII um botânico dizia que "se alguém é capaz de relacionar todas as propriedades da hortelã, sem dúvida saberá também quantos peixes nadam no Oceano Índico". Tem ainda

os nomes de hortelã-pimenta e menta. O nome científico da espécie mais conhecida e usada é *Mentha piperita*, e a família Labiatae (ou modernamente Lamiaceae). As hortelãs são ervas baixas, de ramos finos, geralmente rastejantes, que enraízam ou se propagam por baixo da terra, sendo facilmente reproduzidas por mudas. A hortelã, além do uso medicinal, é também uma bebida gostosa de tomar, por seu aroma agradável e gosto característico e picante (STEFFEN, 2010).

Pode-se verificar também que as mulheres do Município de Tauá utilizam de forma isolada ou combinada a erva cidreira (*Melissa officinalis*), capim-santo (*Cymbopogon citratus*) e malva (*Malva sylvestris*), ambas com prevalência de uso de 26% (Figura 01).

Segundo Oliveira e Araújo (2007), a erva cidreira (*Melissa officinalis*) e o capim-santo (*Cymbopogon citratus*) têm ações comprovadas como calmante e antiespasmódica suave e atividade analgésica. É amplamente utilizada na forma de infuso com as folhas frescas em casos de pequenas crises de cólicas uterinas e intestinais e nos estados de nervosismo, inquietude e insônia (ação sedativa), podendo ser consumidos à vontade por possuir uma toxicidade muito baixa, com referência à ação hipotensora da erva cidreira nada foi encontrado na literatura pesquisada, mas podemos supor, que a redução da pressão arterial poderia ocorrer em virtude da ação calmante que a erva apresenta, já que é sabido que estados de estresse ou nervosismo influenciam na elevação da pressão arterial.

As diversas classes de malva (*Malva sylvestris*) possuem mais ou menos as mesmas propriedades medicinais, pois são emolientes, calmantes, anti-inflamatórias e expectorantes. As folhas e as flores de malva dissolvem as mucosidades. Portanto, são muito eficazes para combater catarros, resfriados, rouquidões, tosse, gripe, tosse convulsa, febre, tísica, enfermidades da garganta e do peito (STEFFEN, 2010).

Foi reportado também pelas mulheres do Município de Tauá-CE o uso do eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e erva doce (*Pimpinella anisum*), ambos com prevalência de uso de 12 e 10%, respectivamente.

Eucalyptus globulus, conhecido vulgarmente como eucalipto, é pertencente à família Mirtaceas. É uma árvore exótica nativa da Austrália, mas hoje já se espalhou para todas as regiões do mundo. Possui folhas alternadas; flores grandes, brancas e vistosas e possui fruto cápsula. É uma planta preciosa destacando-se no reino vegetal pela sua importância tanto no ponto de vista de suas virtudes medicinais, como no ponto de vista econômico. As folhas do *Eucalyptus globulus* gozam da preferência em toda parte para os usos medicinais; elas são ricas em taninos e óleos essenciais, tendo emprego no uso popular para doenças de chagas, úlceras e outras enfermidades do tecido e da pele ou em xaropes, loções, pastilhas pastorais para combater resfriados e nas afecções das vias respiratórias. Os óleos comerciais são destinados à fabricação de produtos farmacêuticos inalantes, estimulantes da secreção nasal, produtos de higiene bucal ou, simplesmente, para acrescentar sabor e aroma aos medicamentos. Os óleos também estão presentes nas indústrias de perfumes, mas são mais usados nos produtos de limpeza como sabão e desinfetante (ROCHA; SANTOS, 2007).

Erva doce (*Pimpinella anisum* L.) tem indicações terapêuticas em casos de cólicas e gases intestinais, azia, vômitos, diarreia, asma, como expectorante, icterícia e anemia. Esta planta também é indicada para facilitar a menstruação. É uma espécie herbácea de uso medicinal como estimulante, aromática, expectorante, purificante, rubesfaciente e tônica, também usada na terapia diurética e carminativa. Existem relatos de que o infuso facilita a digestão, alivia a flatulência e cólicas intestinais, acalma excitação nervosa e a insônia, age contra cólica em recém-nascidos. Há relatos de que ela auxilia na produção do leite materno. É utilizada também para velas aromáticas, sabonetes e óleo essencial, muito usado como repelente (BARBOSA et al., 2007).

A grande aplicação da erva-doce (*Pimpinella anisum* L.) no Brasil é para problemas gastrointestinais. Provavelmente é um dos primeiros chás que nós tomamos, ainda quando somos bebê e estamos no colo de nossas mães. É muito empregada para cólicas de recém-nascidos e de crianças em geral. Possui uma ação carminativa muito boa, facilitando a eliminação de gases e diminuindo as contrações. Possui também uma ação digestiva, podendo ser tomada logo após as refeições. Existe uma receita europeia de um preparado de carvão para problemas estomacais: 50g de sementes em pó de erva-doce (*Pimpinella anisum* L.) em um recipiente com 50g de carvão ativo em pó e 50g de açúcar. Misturar todos os ingredientes e tomar uma colherinha após cada refeição. Para aumentar a produção de leite, controlar excitação nervosa, insônia, asma, doenças bucais pode-se utilizar com muita segurança e eficácia as sementes de erva-doce e suas formulas farmacêuticas intermediárias (MENEZES JÚNIOR, 2011).

Com 8% de prevalência de uso como fitoterápicos, por mulheres do Município de Tauá-Ce, foram reportados o mastruz (*Coronopus didymus*), ameixa (*Prunus domestica*) e boldo (*Coleus barbatus*).

A *Coronopus didymus*, conhecida popularmente como mastruzo ou mastruz é uma planta frequentemente usada na medicina popular como antirreumático, antipirético, antimicrobiano, fungicida, vermífugo, antiulcerogênico e cicatrizante. É considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma das espécies mais utilizadas entre os remédios tradicionais no mundo inteiro (RIBEIRO et al., 2011).

Ameixa (*Prunus domestica*) é uma planta da família das Olacaceas, popularmente conhecida como ameixa. É uma planta cosmopolita tropical com ocorrência silvestre no nordeste do Brasil, utilizada na medicina popular, principalmente, para o tratamento da dor de estômago, sífilis, reumatismo, câncer e infecções bucais. A sua casca, avermelhada e lisa, apresenta diversas atividades e vem sendo usada para diversos fins tais como: tratamento da hanseníase, malária, cefaleia, como moluscicida, infecções da pele, cicatrização, hemorroidas e inflamações das mucosas (BRASILEIRO et al., 2008).

Trabalhos etnobotânicos realizado por Parente e Rosa (2001) evidenciaram o uso do boldo (*Coleus barbatus*) para dores de barriga e cólica. Franco & Barros (2006) citam o uso da planta para problemas do fígado, como digestivo, combate o reumatismo. Chá das folhas é indicado para inflamação no fígado, dor no intestino e ressaca.

Ainda foram reportados, ambos com prevalência de 6%, o uso como fitoterápicos por mulheres do Município de Tauá-Ce, a camomila (*Matricaria chamomilla*), a romã (*Punica granatum*) e o Nim (*Azadirachta indica*).

O chá-verde obtido das folhas frescas da camomila (*Matricaria chamomilla*) tem alta quantidade de flavonoides conhecidos. E em estudo com ratas com obesidade exógena diminui a quantidade de tecido adiposo e previne a formação de esteatose hepática. Outros estudos mostraram que pode acarretar uma menor absorção de triacilglicerídeos e colesterol, já que diminuiu a atividade da lipase pancreática, em nível intestinal; isto pode levar a um menor ganho de peso. Além disso, um estudo com jovens mostrou um aumento no gasto energético e diminuição do coeficiente respiratório, em comparação com um grupo placebo. Com isso, o chá verde tem propriedades termogênicas e promove a oxidação de gordura. Por isso, acredita-se que o uso do chá verde, aliado à terapia nutricional, poderá ajudar numa

perda de peso efetiva (FARIA et al., 2010).

A camomila (*Matricaria chamomilla* L.) é uma planta comumente usada na medicina caseira, sendo indicadas na dispepsia, perturbações estomacais em geral, diarreia, náuseas, inflamações das vias urinárias e distúrbios menstruais. Age como sudorífico e emoliente. Exteriormente, emprega-se o infuso em compressas, ou o pó das sementes esmiuçadas, sobre feridas difíceis de curar, afecções da pele em geral, hemorroidas, inflamações dos olhos e boca (VIEIRA et al., 2009). Seus principais constituintes químicos são o óleo essencial contendo camazuleno, matricida, bisabolol (anti-inflamatório), flavonoides e colina (LORENZI; MATOS, 2008). Embora se trate de uma planta intensamente utilizada para fins medicinais, pouco se sabe sobre a segurança do seu uso, dosagem e contraindicações (VIEIRA et al., 2009).

A *Punica granatum* L. é uma planta da família Punicácea, popularmente conhecida como romã. É uma árvore originária da região do mediterrâneo, apresenta folhas simples e flores isoladas, fruto tipo baga, redondo, casca de textura semelhante ao couro, amarela ou avermelhada, contendo inúmeras sementes e de sabor doce, levemente acidulado. A romã e suas partes (folhas, casca de caule e frutos) são utilizadas no tratamento de infecções da garganta, rouquidão e febre. No entanto, podem ser utilizadas ainda como antissépticas e antivirais em processos inflamatórios da mucosa oral (MENEZES, 2004).

O nim é uma planta de origem asiática, pertencente à família Meliácea, natural de Bruma e das regiões áridas da Índia. O nim (*Azadirachta indica* A. Juss) também pode ser encontrado com os nomes de neen, margosa, nime, Lila índio, ou ainda por *Melia Azadirachta* L., *Melia indica* (A. Juss). Brandis e *Antelaea Azadirachta* (L.) Adelb. (KOUL et al., 1990). É usada há séculos na Índia como planta medicinal, planta sombreadora e mais recentemente como inseticida, na produção de madeira e cosmético. Segundo Martinez (2002), é conhecida há 5.000 anos e apresenta ação contra mais de 430 espécies de pragas que ocorrem em diversos países, causando múltiplos efeitos, tais como repelência a insetos, interrupção do desenvolvimento e da ecdise, atraso no desenvolvimento, redução na fertilidade e fecundidade, e várias outras alterações no comportamento e na fisiologia dos insetos que podem levá-los a morte. Além disso, estudos vêm demonstrando que o nim é uma planta medicinal que pode ser usada como antisséptico, tônico, vermífugo, na cura da diabetes, malária, problemas dermatológicos, combate a sarna, pulga e outras doenças.

A grande maioria das mulheres entrevistadas (70%), residentes no Município de Tauá-Ce, se dedica a agricultura, o restante (30%) atua em outras atividades. Mesmo atuando em outras atividades, sempre que possível contribuem na agricultura, sendo perceptível a preservação da cultura do uso de plantas medicinais como fitoterápicos, que, segundo Silva et al. (2008), é uma prática usada desde a antiguidade pelas pessoas residentes em comunidades rurais.

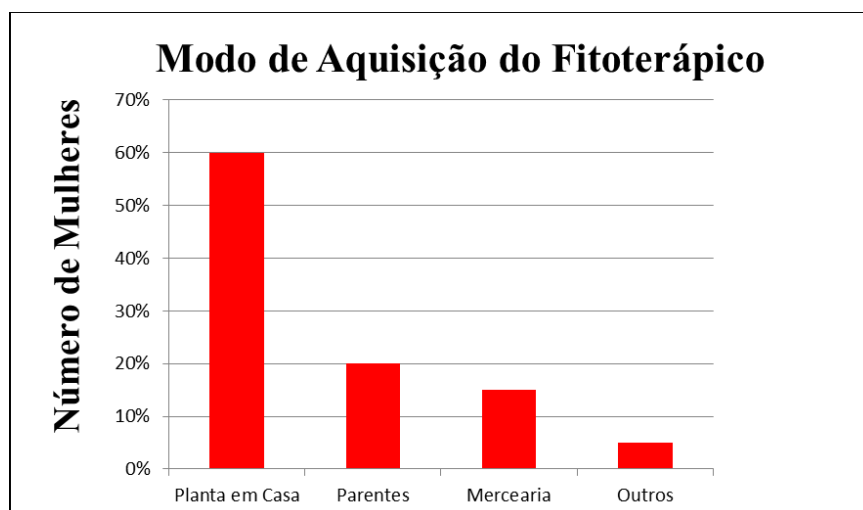
Em um dos itens da pesquisa, realizada com 50 mulheres do Município de Tauá-Ce, foi perguntado qual o principal meio de aquisição de plantas medicinais para preparação dos fitoterápicos. Como resultado, pode-se verificar que o principal meio de aquisição de plantas, pelas mulheres entrevistadas, dá-se por meio de plantações feitas em suas próprias casas (60%), seguido de parentes (20%), mercearias (15%) e outros 5% (Figuras 2 e 3). De acordo com Castellucci et al. (2000), a necessidade de uma planta não existente no quintal de um morador pode ser suprida pelo vizinho que a cultiva em seu quintal, revelando a troca de informações entre moradores que contribuem para ampliar o aspecto de plantas utilizadas medicinalmente.

Figura 02. Plantações caseiras de plantas medicinais por mulheres do Município de Tauá-Ce (6°0'14"S; 40°17'0"W).



Fonte: dados da pesquisa

Figura 03. Formas de aquisição de plantas medicinais por mulheres do Município de Tauá-Ce.



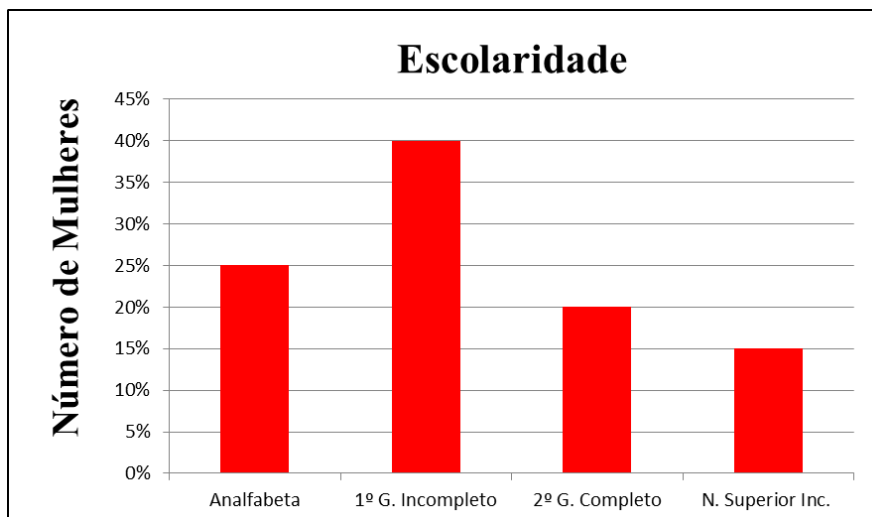
Fonte: dados da pesquisa

Dados da literatura citam o cultivo de plantas medicinais e nestes encontram-se a erva cidreira (*Melissa officinalis*) e as hortelãs (*Mentha piperita*) como as principais espécies cultivadas em quintais de populações locais (MODRO; RIEDER, 2004).

No que se refere aos dados sociodemográficos, quanto à escolaridade das entrevistadas foi observado que 40% das usuárias de fitoterápicos têm o 1º grau incompleto, 25% são analfabetas, 20% têm o segundo grau completo e 15% têm nível superior

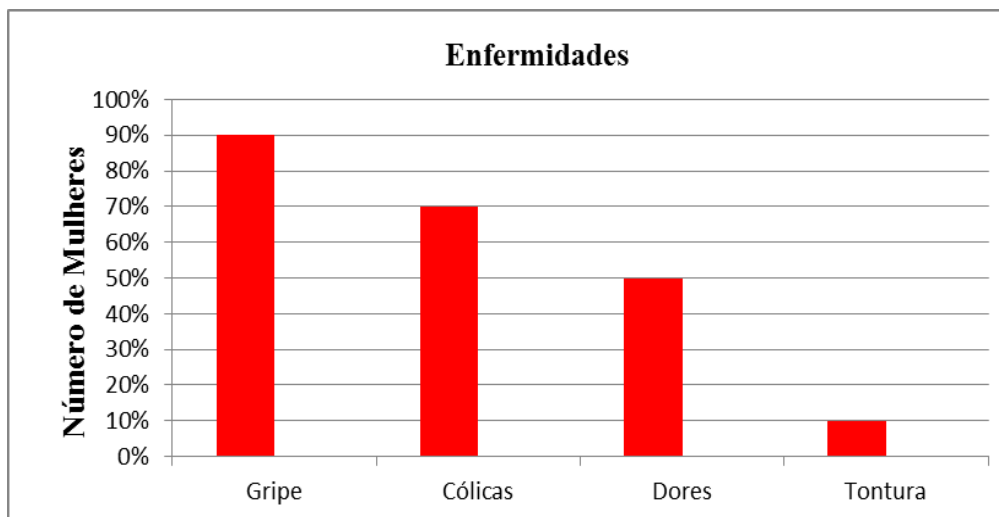
incompleto (Figura 04).

Figura 04. Escolaridade das mulheres consumidoras de fitoterápicos do Município de Tauá-Ce.



Fonte: dados da pesquisa

Figura 05. Enfermidades tratadas com a utilização de fitoterápicos pelas mulheres do Município de Tauá-Ce.



Fonte: dados da pesquisa

Na figura 05 está ilustrada a relação de doenças (em porcentagem) para as quais os fitoterápicos são mais comumente empregados. Pode-se observar que a maioria das entrevistadas utiliza as plantas medicinais quando há gripe (90%).

Resultados apresentados por Sales et al. (2009), quanto ao quesito relação de doenças para as quais os fitoterápicos são mais comumente empregados, foram citadas no total 22

tipos de enfermidades e as suas respectivas formas de tratamento. De acordo com os autores, são empregados fitoterápicos para tratar dores na barriga e cabeça, bem como febre (70,8%), conjuntivite (50,0%), gripe e resfriado (41,7%) e tosse (29,2%), dentre outras enfermidades.

Segundo Marodin e Baptista (2001) os chás consistem na forma de utilização mais apreciada pela população, pois além do valor medicinal específico, contribuem para outros fins, como hidratação, eliminação de toxinas, controle da temperatura corporal e auxílio na digestão de alimentos.

Na Tabela 02 consta a relação de enfermidades para as quais os fitoterápicos usados por mulheres do Município de Tauá-Ce são mais comumente empregados, formas de uso e partes da planta utilizada. Pode-se observar que foram relatadas 12 enfermidades tratadas com fitoterápicos, a saber: gripe (resfriado), dores estomacais, cólicas menstruais, dores de cabeça, inflamações, calmantes, pressão alta, piolho, dores musculares, tontura, sinusite e cólicas infantis.

Tabela 02: Enfermidades tratada com a utilização de fitoterápicos por mulheres do Município de Tauá-Ce.

Enfermidade	Parte da planta	Planta utilizada	Forma de uso
gripe, resfriado	Folhas, fruto, semente	hortelã, eucalipto, erva cidreira, capim-Santo, malva, romã, mastruz	chá, xarope, lambedor, banho, infusão
dores estomacais	folha, semente	boldo, erva doce	chá
cólicas menstruais	folha	camomila, hortelã	chá
dores de cabeça	folha, semente	capim-santo, erva doce, hortelã	chá, compressa
inflamações	caule, folha, casca	ameixa, mastruz, malva, romã	inalação, infusão, chá, xarope
calmante	folha	capim-santo, erva cidreira, camomila	chá
pressão alta	folha	capim-santo, camomila	chá
piolho, dores musculares	folha	nim	compressa, banho
tontura	folha	hortelã, erva cidreira	chá
sinusite	folha	eucalipto, hortelã	banho, chá
cólicas infantis	folha	hortelã	chá

Fonte: dados da pesquisa

A utilização de plantas com fins medicinais para tratamento e cura de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade. No início da década de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou que 65% a 80% da população dos países em desenvolvimento dependiam das plantas medicinais como única forma de acesso aos cuidados básicos de saúde. Estes motivos, associados com a fácil obtenção e a grande tradição do uso de plantas medicinais, contribuem para sua utilização pelas populações dos países em desenvolvimento. A grande parte da comercialização de plantas medicinais é feita em farmácias e lojas de produtos naturais, onde preparações vegetais são comercializadas com rotulação industrializada. Muitas vezes, entretanto, as supostas propriedades

farmacológicas anunciadas não possuem validade científica, por não terem sido investigadas, ou por não terem tido suas ações farmacológicas comprovadas em testes científicos pré-clínicos ou clínicos (VEIGA JÚNIOR et al., 2005).

De acordo com Souza et al. (2011), o aproveitamento adequado dos princípios ativos de uma planta exige o preparo correto, ou seja, para cada parte a ser usada, grupo de princípio ativo a ser extraído ou doença a ser tratada, existe forma de preparo e uso mais adequados. A maioria dos efeitos colaterais conhecidos, registrados para plantas medicinais, são extrínsecos à preparação e estão relacionados a diversos problemas de processamento, tais como identificação incorreta das plantas, necessidade de padronização, prática deficiente de processamento, contaminação, substituição e adulteração de plantas, preparação e/ou dosagem incorretas. A maioria das mulheres do Município de Tauá-Ce entrevistadas afirmaram que o uso do remédio trouxe resultados satisfatórios para saúde (80%).

4. CONCLUSÕES

Os resultados apresentados neste trabalho confirmam que a maioria das mulheres usuárias de fitoterápicos no Município de Tauá-Ce se dedica à agricultura, têm o primeiro grau incompleto, utilizam plantas medicinais adquiridas em plantações caseiras e afirmam que os fitoterápicos preparados por elas apresentam resultados satisfatório para a saúde (80%). Dentre as plantas medicinais mais empregadas, a hortelã (*Mentha piperita*) teve maior prevalência, sendo os fitoterápicos produzidos para o consumo próprio para curar gripes e/ou resfriados, cólicas menstruais, dores de cabeça e sinusite.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os colaboradores do Laboratório de Bioprospecção de Produtos Naturais e Biotecnologia (LBPNB) do CECITEC-UECE. Aos órgãos de fomento a pesquisa FUNCAP e CNPq, pelo apoio e suporte financeiro aos bolsistas.

REFERÊNCIAS

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2008). **Plantas medicinais e fitoterápicos: Uma resposta nacional.** Disponível em www.anvisa.gov.br/.../fitoterapicos/mesa_redonda_cop8.pdf. Acesso em 15/07/12

BARBOSA, A.S.; SOUSA, E.G.; SILVA, M.A.; OLIVEIRA, H.S.M.C.; MEDEIROS, M.B. (2007). Plantas medicinais: aspectos do uso de fitoterápicos na melhoria da qualidade de vida humana. In X ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, 2007. *Anais...*Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2007.

BRASILEIRO, M.T.; EGITO, A.A.; LIMA, J.R.; RANDAU, K.P.; PEREIRA, G.C.; ROLIM NETO, P.J. *Ximения americana* L.: botânica, química e farmacologia no interesse da tecnologia farmacêutica. *Revista Brasileira de Farmácia*, v.89, n.2, p.164-167, 2008.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M.I.S.; NORDI, N.; MARQUES, J.G.W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. *Revista Brasileira de Plantas Medicinai*s, v.3, n.1, p.51-60, 2000.

FARIA, D.P.; ESCHER, A.; FRANÇA, S.A. Chá verde como coadjuvante no tratamento da obesidade e suas comorbidades. **UNI Ciências**, v.14, n.2, p.105-126, 2010.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

FUNARI, C.S.; FERRO, V.O. Uso ético da biodiversidade brasileira: necessidade e oportunidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, n.2, p.178-182, 2005.

KOUL, O.; ISMAN, M.B.; KETKAR, C.M. Properties and uses of neem, *Azadirachta indica*. **Canadian Journal of Botany**, v.68, n.1, p.1-11, 1990.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. 2ª Edição, São Paulo, Nova Odessa: Plantarum, Instituto plantar, 2008. 544p.

MARODIN, S.M.; BAPTISTA, L.R.M. O uso de plantas com fins medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.4, n.1, p.57-68, 2001.

MARTINEZ, S.S. (2002). **O nim (*Azadirachta indica*): natureza, usos múltiplos e produção**. Londrina: Instituto Agrônomo do Paraná- IAPAR, 142.

MENEZES JUNIOR, A. (2011). **Erva doce. Oficina de ervas e farmácia fitoterápica: a saúde em equilíbrio com a natureza**. Disponível em http://www.oficinadeervas.com.br/detalhe.php?id_produto=489&p=erva-doce. Acesso em: 24/9/12.

MENEZES, S.M.S. **Avaliação da eficácia antimicrobiana do extrato hidroalcoólico dos frutos de *Punica granatum L.* (romã) na placa bacteriana**. 2004. 80p. Dissertação (Mestrado em Farmacologia Clínica), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.

MODRO, A. F. H.; RIEDER, A. Uso de hortelã (*Mentha spp*) e erva cidreira (*Lippia alba*), como plantas da flora medicinal e apícola, por docentes casados e solteiros de Mato Grosso, In: IV Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal Corumbá/MS. 2004. **Anais...**Mato Grosso do Sul, Universidade federal de Mato Grosso do Sul, Brasil.

MONTEIRO, M.R. **Avaliação do potencial tóxico e antioxidante do extrato aquoso de boldo do Chile (*Peumus boldus Mol.*) em cepas de *Escherichia coli***. 2008. 56p. Dissertação (Mestrado em Biologia) Centro Biomédico, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

OLIVEIRA, C.J.; ARAUJO, T.L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.09, n.1, p.93-105, 2007.

ORQUIZA, S.M.C. Terapias alternativas. Disponível em: <<http://www.ambienteemfoco.com.br/?cat=59&paged=4>>. Acesso em: 24/9/11.

PARENTE, C.E.T; ROSA, M.M.T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v.52, n.80, p.47-59, 2001.

PEREIRA, R.C.; OLIVEIRA, M.T.R.; LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacaz - RJ. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.14, n.1, p.37-40. 2004.

PEREIRA, L.R.; SILVA, A.L.R.; SOUSA, C.R. Plantas medicinais no sertão de Crateús-Ce. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.14, n.1, p.37-40, 2007.

PINTO, L.N. *Plantas medicinais utilizadas em uma comunidade do município de Igarapé-Mire Pará: etnofarmácia do município de Igarapé Mire-PA*. 2008. 98p. Monografia (Graduação de Química)–Departamento de Química, Universidade Estadual do Pará, Igarapé Mire-PA.

RIBEIRO, F.A.Q.; GUARALDO, L.; BORGES, J.P.; ZACCHI, F.F.S.; ECKLEY, C.A. Clinical and histological healing of surgical Wounds Treated With Mitomycin C. *Laryngoscope*, v. 114, p.148-152, 2004.

RICO, J.M.T.R. (2011). *Plantas medicinais*. Academia das ciências de Lisboa instituto de estudos acadêmicos para seniores.

ROCHA, M.E.N.; SANTOS, C.L. O uso comercial e popular do eucalipto *Eucalyptus globulus Labill* (Myrtaceae). *Saúde e Ambiente em Revista*, v.2, n.2, p.23-34, 2007.

SALES, G.P.S.; ALBUQUERQUE, H.N., CAVALCANTI, M.L.F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB, *Revista de biologia e ciências da terra*, Suplemento Especial, v.1, n.2, p.31-36, 2009.

SILVA, C.R.; MONTEIRO, M.R.; DE-ARAÚJO, A.C.; BEZERRA, R.J.A.C. Absence of mutagenic and citotoxic potentiality of Senna (*Cassia angustifolia* Vahl.) evaluated by microbiological tests. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.14, n.1, p.1-3, 2004.

SILVA, F.L.A.; OLIVEIRA, R.A.G.; ARAÚJO, E.C. Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma Estratégia de Saúde da Família. *Revista de Enfermagem da UFPE*, v.2, n.1, p.9-16, 2008.

SOUZA, F.C.; OLIVEIRA, E.N.A.; SANTOS, D.C.; OLIVEIRA, F.A.A.; MORI, E. Uso de plantas medicinais (fitoterápicos) por mulheres da cidade de Icó-Ce, *Revista de Biologia e Farmácia*, v.5, n.1, p.1983-4209, 2011.

STEFFEN, P.C.J.S.J. (2010). *Plantas medicinais usos populares tradicionais*, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. Disponível em www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/.../clemente.pdf. Acesso em 15/07/12.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.; CENTA, M.L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. *Revista texto contexto*, v.15, n.1, p.115-21, 2006.



VEIGA JUNIOR, V.F. PINTO, A.C.; MACIEL, M.A. Plantas medicinais: cura segura? *Química Nova*, v.28, n.3, p.519-528, 2005.

VIEIRA, A.; GUIMARÃES, M. A.; DAVID, G.Q.; KARSBURG, I.V.; CAMPOS, A.N.R. Efeito genotóxico da infusão de capítulos florais de camomila. *Revista Trópica: Ciências Agrárias e Biológicas*, v.3, n.1, p.8-13, 2009.